



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E OS PERCALÇOS DE FORMAÇÃO ENQUANTO PROFESSOR

Nilva Alves de Moura¹

Leandro Costa Vieira²

UFMS/CPAN

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a importância da contação de história na aprendizagem, na construção de valores, como respeito mútuo, cooperação, relações e interações sociais utilizando de análise de dados bibliográficos e também fazendo um vínculo com relatos de experiências de vivências da pesquisadora antes e durante sua formação e enquanto contadora de histórias com intervenções nas escolas nos anos iniciais do ensino fundamental. A expectativa é investigar como a escola se posiciona diante da responsabilidade de mediar e formar leitores, para tanto, busquei alcançar alguns pontos, mostrar as possibilidades educativas da contação de história motivando crianças a aprender a ler, contar histórias e fazer suas próprias escritas. Meu questionamento é: A contação de histórias pode ser uma estratégia de auxílio na promoção da afetividade e do protagonismo dos alunos na sua relação com os textos literários? Assim este estudo espera debater sobre a importância da contação de história na mediação literária e sua permanência como um hábito contínuo e autônomo na vida dos futuros sujeitos leitores para além das salas de aula, bem como deixar reflexões de como a práxis pedagógica pode ser transformada através da contação de história, em atividades que tenham o poder de encantar a criança, sem deixar de ser pedagógica, criando oportunidades para a mediação literária sem que esta tenha um caráter de obrigatoriedade.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias; mediação em leitura; práxis pedagógica.

O COMEÇO DESSA HISTÓRIA COMEÇA COM – ERA UMA VEZ...

Nascemos e caminhamos por uma estrada chamada vida, em que existem passagens livres e desprendidas de qualquer dureza, ou algo que nos seja colocado como barreira. No entanto, talvez, todos nós passamos por momentos em que encontraremos

¹Discente do Curso de Pedagogia – Licenciatura – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal – UFMS/CPAN – Autora da Pesquisa. nilva-moura@hotmail.com

² Docente do Curso de Pedagogia – Licenciatura – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal – UFMS/CPAN – Orientador da Pesquisa – co-autor. leandro.vieira@ufms.br.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

barreiras, como diria o poeta, “tinha uma pedra no meu caminho, no meu caminho tinha uma pedra...”.

Em plena vivência do final do segundo milênio e a entrada nos anos 2000, múltiplos foram as provocações, da vida, dos sonhos, dos desejos, provocações das pedras. Porém, nada supera a esperança, em que no fazer-se perseverante tornamo-nos sensíveis e até mesmo autores/atores protagonistas de nossas histórias.

A provocação desta pesquisa se consolida por sentidos múltiplos e pelo andar no mundo fantasioso das histórias infantis, em que a autora que por hora se fará presente em uma caminhada de palavras únicas de uma narrativa de si, fora acompanhada de orientações, para que a ela fosse dada a liberdade de narrar-se, de se fazer presente na incompletude do ser o que lhe compõe, as palavras, os sonhos, os desejos e liberdade que a literatura lhe proporciona, como uma contadora de histórias, uma futura pedagoga.

Toda caminhada de formação se consolida por aspectos que tangem desde o pessoal ao social, considerados aspectos que são internos e externos, que potencializam o desejo e a realização, ou não do mesmo. Talvez, numa consolidação de um mundo expressamente discriminatório em que ser mulher, ser mulher campesina, em que a educação vindoura de outras nuances sociais que te colocam impeditivos ou mesmo te colocam a frente de lutas e militâncias por melhores condições de vida e pela sobrevivência, com respeito e dignidade.

As circunstâncias que me levam a caminhar para o processo de contação de histórias, se constitui ainda no ambiente doméstico, em que a maternidade me coloca num primeiro contato com a literatura infantil. Como ser mãe e não contar histórias aos nossos filhos? – Apesar de uma formação técnica em uma área exata, a trajetória perpassa o sentido desta área, e me leva ao encontro com outros caminhos e sentidos que a comunidade do Taquaral me proporciona. Afinal, eram os caminhos e as relações da vida junto aquela comunidade que me proporcionaram chegar até a escola, em que meus filhos, então matriculados, me presentearam com o encontro com a docência, ainda que leiga, mas um primeiro encontro.

O estopim para ir ao encontro de uma formação, no campo da educação. Então o retorno à escola básica, no entanto, agora uma formação técnica na área do magistério. O curso Normal e a Educação Infantil deságuam em mim a possibilidade de um



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

envolvimento maior com o mundo da imaginação. O tempo não para... O mundo é um moinho... Roda gigante, roda moinho, roda pião... E assim nossos poetas consolidam perfis a nossa sociedade. O tempo não pode parar e o mundo gira como um pião, ou uma roda gigante.

E assim a sua curiosidade transforma essa simples trabalhadora rural numa investigadora do tema pela curiosidade; seria isso a curiosidade epistêmica freiriana? – Pois então, essa se faz presente antes de ingressar na educação Superior, para cursar Pedagogia.

O processo narrativo constitui uma formação que leva o sujeito a refletir sua própria trajetória profissional, emergindo assim, novas nuances de formação, novos sentidos para a sua atuação e reflexão sobre o seu papel enquanto professor, ou futuro professor. Esta pesquisa trará nuances das narrativas, pelo sentido que enfatiza, sobre a trajetória de formação do que aqui se faz presente, investigado. Nesse sentido, formando, transformando e construindo outras formas de ver, pensar e sentir a trajetória da pesquisadora. Segundo Souza (2006, p. 23):

Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras seja em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias de professores.

O sentido de escrever sobre si garante-nos o processo de compreender, interpretar e interagir com a formação, com o sentido que a formação tem na trajetória profissional de cada um. É um processo individual, encarnado no sentido que damos ao processo formativo. Não é mero acaso, ou uma divindade que nos forma, no entanto, os estudos, a reflexão da ação e a sensibilidade propositada pelos caminhos da formação para a docência.

Em meados de 2006, enquanto fazia a leitura de uma história para seus filhos e um de seus amiguinhos, o menino questiona “eu já conhecia essa história, mas do jeito que você conta é muito mais legal”, no que um de meus filhos responde “a minha mãe sempre faz essas vozes engraçadas e esses barulhos esquisitos em todas as histórias e nos sempre gostamos primeiro de ouvir ela contar a história pra depois ler o livro, fica muito mais divertido “e continuaram a conversa durante horas falando sobre os personagens que eu havia contado.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Isto fez acender uma luz de alerta, e a inquietude se proliferava pelos poros da curiosidade que se instaurou nesta contadora, pois quais os motivos de as crianças hoje terem perdido o interesse pela leitura literária? O fato de apresentarem a elas uma obra seca, sem vida, desprovidas de onomatopeias? Eu gostava de ler e mais ainda de colocar vida nos personagens que eu lia, fazia de tudo para que quem me ouvisse pudesse enxergar com muita nitidez os personagens caminhando entre nós, de uma forma que se fosse possível pudesse até esticar os dedos e tocá-los. E foi isto que me levou a procurar a escola de meus filhos e me tornar personagem constante em seu cotidiano.

A princípio minha atividade era apenas auxiliar na aquisição de suprimentos para o lanche das aulas de música, mas dali nunca mais me afastei. Fui ficando, vez ou outra quando tinha oportunidade fazia a leitura de livros infantis para as crianças, e daí de tanto ler e perceber a imaginação criativa das crianças um dia criei um personagem que ficou para sempre fazendo parte da minha pessoa, a “bruxinha boazinha”. Foi este personagem que me levou de volta a sala de aula, agora como aluna, no normal médio-curso técnico em educação infantil - pois depois desta epifania bruxuleante ter tomado conta de meu ser compreendi que somente através de muito estudo eu conseguiria chegar a caminhos que me sanassem minhas dúvidas e me fortalecessem para poder me constituir uma contadora de história/pedagoga ou uma pedagoga/contadora de história.

Depois de concluir o normal médio ingressei na, no curso de pedagogia e fui ficando cada vez mais presente na escola onde agora meus filhos já não mais frequentavam. Desenvolvi ali alguns projetos que serviram para minha formação enquanto futura pedagoga, podendo atuar também, com algumas intervenções em outras escolas na cidade de Corumbá, sendo dede grande valia.

Segundo Souza (2006, p. 25):

A “autobiografia” expressa o “escrito da própria vida” [...], caracterizando-se como oposta à biografia, porque o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências, sem que haja uma mediação externa de outros.

A reflexão e a inquietação, foram elementares para os próximos passos, no sentido de que não bastava ser contadora, se haviam crianças que perderam o interesse pela contação. Não bastava ser leiga ou formada no médio técnico, caminhava sim pela formação e aprofundamento de saberes da docência no Ensino Superior.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Observar que crianças e jovens conviviam num ambiente de práticas muito formais e engessadas de promoção de leitura, visto que muito de seus educadores ou mediadores não possuíam uma relação afetiva com o ato de ler ou contar histórias, isto devido ao fato desses mesmos educadores não terem a oportunidade de descobrir ainda na escola potenciais para lidar com a leitura a partir do prazer, desta forma também não eram capazes de encantar seus alunos/leitores. E assim, nessas visitas cada vez mais constantes as escolas, percebia cada vez mais que os desafios da contação de histórias para o fim de mediação literária representava uma realidade comum na maioria delas.

As formas de mediar a leitura eram repetitivas e pouco originais, muitos educadores não liam e não tinham conhecimento a respeito de autores contemporâneos de literatura infanto-juvenil brasileira, e quem não tem prazer por determinado assunto não consegue mediar ou instigar nos outros o desejo pela descoberta de novas ideias em determinado assunto. Esse desafio se torna um projeto de vida, enquanto educadora em formação e para o exercício pleno da docência.

A formação acadêmica é acompanhada de uma formação paralela em cursos e qualificações profissionais no campo da literatura infantil, no campo da contação de histórias. Há mais de cinco anos, dedico-me quase que integralmente a minha pesquisa e estudo sobre a Contação de Histórias e Mediação de leitura. Um compromisso feito com coração, para tanto eu fiz o curso A arte de contar Histórias (SENAC), o curso de Contação de Histórias (ABELINE), o curso de extensão em Mediação de Leitura (Fundação Demócrito Rocha-Universidade aberta do Nordeste), o curso de Extensão em Artes visuais para a Educação Infantil(Faculdade Sul Mineira), entre outros aqui não citados. Tudo isto para melhor poder compreender e atuar de forma coerente junto a suas intervenções com contação de histórias e mediação literária.

CAMINHOS DA LITERATURA E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

No mundo moderno, tudo acontece com muita rapidez, por todos os lados e de todas as formas possíveis. Isto devido aos inúmeros meios tecnológicos de comunicação, que ao mesmo tempo em que amplia os horizontes, tornam nossas crianças cativas de aparelhos que apenas reproduzem notícias, que por muitas vezes não agregam valor algum a suas vivências. Devido a isto as histórias e os livros estão cada vez mais deixados de lado e esquecidos, criando um desafio cada vez maior aos



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

professores, o de alimentar e trabalhar nas crianças em idade escolar, o gosto pela leitura.

De acordo com Abramovich (1997), Vygotsky (1998), Ziberman (2003), entre outros teóricos, a contação de histórias é um valioso instrumento de auxílio à prática pedagógica de professores desde a educação infantil e perpassando demais etapas do ensino básico.

Tida como uma arte que atravessa os tempos, as mudanças climáticas, os acordos de paz e as guerras, as “descobertas” colonizadoras de novos territórios, os pergaminhos que precisavam ser desvendados. Assim a contação de histórias é uma linguagem que vai ao encontro com a literatura, com a oralidade e com as culturas tradicionais que se tornam cultura educacional escolar num desdobramento complexo de ser pensado, mas tem o fim em si mesma, o ato de narrar algo a alguém, fantasioso, imaginário, a partir de uma realidade que se multiplica entre monstros, fadas, reis, e princesas.

Quando nos reunimos em torno de um contador de histórias, compartilhamos sentimentos, nos tornamos sensíveis aos sonhos alheios e dividimos não apenas um espaço, mas as imagens, os pensamentos e as emoções. Assim podemos dizer que o mundo é um livro em permanente processo de escrita, gestualidade, sonoridade.

No mundo escrevemos e inscrevemos o oral, o verbal (e também o não verbal) e o visual, nós codificamos o mundo pelos sinais, pelos signos comunicantes. O mundo é um livro que precisa ser lido, entendido, decodificado, comunicado, informado, noticiado. E é na cultura e pela cultura que nós inventamos o mundo, que nós o escrevemos, e o construímos simbolicamente. E se inventamos o mundo pela cultura, é por ela e com os olhos dessa cultura, que lemos o mundo e seus mistérios. Segundo Torres e Tettamanzy (2008):

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente. Deve-se a isto toda importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois a memória era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações. O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao conhecimento humano. (p. 02).

Dessa forma além de a leitura ser um condicionamento cultural, a cultura também é uma leitura, uma interpretação, um processo de entendimento. É a cultura que



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

nomeia o mundo e suas coisas. Nomear é criar sentidos culturais para as coisas do mundo.

A contação de histórias lida com o imaginário, o antropólogo François Laplantine (1997) traz uma excelente reflexão sobre o que é imaginário, para ele, trata-se de um processo humano de criação de imagens, de modelos criados pela mente humana. Transmitido de geração a geração e utilizado como memória e tradição de um povo, o imaginário de tanto representar um sentido, confirma e valida esse sentido no imaginário coletivo. Para ele, o imaginário é mais real do que o real, porque faz parte da memória de um povo e não se perde, sendo continuamente renovado, adaptando-se aos mais diversos contextos.

A contação de histórias como ação educativa, assunto investigado nesta pesquisa, justifica-se por ser esta prática considerada como uma ação pedagógica que serve como auxílio ao ensino e à aprendizagem dos conteúdos escolares e a formação de novos leitores. É através da sedução e do encantamento provenientes das histórias que ocorre o envolvimento dos alunos e, conseqüentemente, o desenvolvimento de funções intelectuais, como por exemplo: atenção, memória, abstração, capacidade de comparar e diferenciar (VYGOTSKY, 1998).

Para ilustrar o que Vygotsky diz sobre a capacidade que a contação de histórias tem de desenvolver as funções intelectuais da criança, levando-a a abstração e a comparação, descrevo aqui dois episódios em que certa vez numa de minhas intervenções com contação de histórias em uma escola, onde depois de contar pela segunda vez a mesma história, um menino me pediu pra repetir novamente a mesma história, indaguei-o, qual o motivo dele querer a mesma história? De suma, sua resposta foi a seguinte: Porque nessa história você conta sobre a floresta do fedor e eu nem consegui sentir o cheiro ainda, porque o cheiro que tem lá perto de casa ainda nem saiu do meu nariz... será que essa floresta fica perto lá de casa? - O menino morava próximo ao lixão da cidade.

Certa vez quando levei um livro onde todo ele era também escrito em Braille e todas as crianças ficaram encantadas não só com a história, mas também em saber que crianças cegas também podem ler através de como elas diziam: “pontinhos”, alguns dias depois um aluno me trouxe uma folha e disse: “professora olha só escrevi uma história sobre meu cachorro Lulu pra quando eu tiver um amigo cego ele poder ler”, e me



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

entregou uma folha toda cheia de “furinhos” e me contou a história do lulu passando os dedinhos nas linhas da folha.

Esses aspectos fomentam um sentido mais amplo sobre o processo educativo, afinal de contas, a criança no construto de novas aprendizagens potencialmente faz desdobramentos sobre elementos que para o adulto parecem simples, mas que são surpreendidos com ações desempenhadas por estas crianças que tem uma complexidade de dados e situações que surgem de sua realidade.

O estudo traz a contação de histórias como uma forma para a melhoria da qualidade educacional, pois a prática dessa atividade nas várias áreas do saber, proporciona um envolvimento maior do professor com o aluno. Assim, a contação de histórias é de suma importância para que a criança compreenda e respeite as especificidades de cada um e a intencionalidade que a história possui e quer transmitir.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, da sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Pode-se então perceber que são inúmeras as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia, além de divertir, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade.

Considerando as diferenças de cada sujeito, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2009), trazem uma concepção de criança multifacetada, que questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Dessa forma as instituições escolares devem proporcionar as crianças saberes e experiências de forma lúdica e prazerosa através de diversas formas e em meio às diversas linguagens. Nesse contexto, a contação de histórias proporcionará um papel fundamental e instigador para uma aprendizagem satisfatória.

Na escola podemos contar histórias para abordar um assunto específico, mas, nesse caso todo cuidado é pouco pois essa prática não pode se tornar didática demais e causar enfado nos ouvintes ou tirar o prazer da atividade. O contador de histórias precisa ter sempre em mente o que pretende e quais passos irá seguir para a realização de seus objetivos. A escola é um espaço privilegiado, onde serão propostos desafios que abrirão portas para a mente humana em caminho à socialização e aprendizagem. É



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

importante ter em mente que seja oferecida a criança pequenas doses diárias de uma agradável contação de histórias, sem coagir, mas com naturalidade, desenvolvendo assim um hábito que poderá acompanhá-la por toda a sua vida. O narrador, para melhor instrumentalizar as palavras, domina mesmo que inconscientemente, boa parte das figuras de linguagem, de sintaxe e de pensamento, possibilitando ao contador, antigamente uma pessoa mais velha e sábia, magnetizar seus ouvintes, despertando no ambiente o poder da imaginação, tecida com uma linguagem encantada, apta a transportar as pessoas para reinos distantes e, de outras formas inacessíveis.

Hoje em dia o contador de histórias reaparece com outras características, e esta ocupação começa a deixar as mãos de amadores para seguir na direção da profissionalização, pois há uma demanda crescente por esse profissional, principalmente nas escolas. Algumas destas instituições chegam a reservar um espaço no currículo escolar para este evento. As vezes até mesmo professores e bibliotecários são preparados para exercerem esta tarefa no âmbito escolar.

As crianças que ouvem histórias são expostas a inúmeras novas palavras. Elas podem até não saber o significado de cada uma, mas ouvir ou ler uma história ajuda-las a entender o significado das palavras através do contexto. Ao desenvolver uma lista de vocabulário baseadas na história, o professor aproveita a curiosidade natural das crianças para entender a obra, e as motiva a consultarem um dicionário ou usar as novas palavras em suas próprias narrativas. A narrativa ajuda a melhorar as habilidades de comunicação oral dos alunos. Uma vez que eles tenham ouvido uma história, geralmente ficam ansiosos para discutir sua compreensão e relacioná-la a experiências.

Proporcionar às crianças o convívio com práticas sociais de leitura e escrita é tarefa do/a professor/a, priorizando a diversidade de gêneros textuais, entre eles o literário. Percival Lemes Britto (2005), ao trazer a discussão sobre a leitura e escrita na educação infantil, destaca que mais importante do que ler com os olhos e escrever com as mãos, neste momento, é importante proporcionar à criança uma leitura pelos ouvidos e uma escrita pela boca. O professor escreva transcreve a produção autoral de sua criança e a esse mesmo professor cabe a tarefa da leitura compartilhada.

O letramento literário, por sua vez, pressupõe a inserção do leitor em práticas sociais de leitura e escrita da palavra literária e a instituição educativa é, ou deveria ser,



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

um dos lugares privilegiados para esse fim e responsável por esse contato. Como destaca Rildo Cosson (2009, p. 23).

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesmo que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Cosson (2009) traz à tona, em sua reflexão, uma prática muito comum na escola: a utilização do texto literário como mero pretexto para ensinar aspectos gramaticais relativos à estrutura das palavras, deixando de lado a sua fruição estética e o seu poder humanizador, ou seja, aquilo que Candido (2004, p. 180) se refere como os traços essenciais ao ser humano: “[o] exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”.

Magda Soares (2008) diz que é necessário estar atento aos aspectos que podem favorecer a continuidade de práticas de mediação limitantes, como a já citada fragmentação dos textos literários e sua transferência para os livros didáticos, o que, por consequência, restringe a liberdade e a capacidade interpretativa do leitor/estudante.

Annie Rouxel (2012), ao analisar as dimensões subjetivas da leitura, ressalta que as práticas escolares sempre excluíram o estudante da condição de sujeito, cabendo a este a tarefa de dar sentidos aos conteúdos eleitos pelo sistema educacional como sendo a parte fundamental a ser interpretada. Submisso ao que a escola deseja, o estudante/leitor se vê com poucas chances de manifestar-se.

Haverá saída para que a escola contemporânea consiga restabelecer “o sujeito leitor no coração da leitura”, assim acolhendo na sala de aula suas reações? pergunta e responde Rouxel (2012):

Toda verdadeira experiência de leitura envolve a totalidade do ser. As pesquisas contemporâneas sobre leitura - Bayard, Clément, Jouve, Langalde – mostram que ela não se reduz a uma atitude cognitiva e que o processo de elaboração semântica enraíza-se na experiência do sujeito. [...] é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Para Silveira (2012), a leitura, enquanto prática concebida simbólica e socialmente, se exhibe tal qual um espelho da experiência humana, definindo-a e dando-lhe forma. O leitor autônomo é aquele que se torna capaz de construir sentidos e imprimir marcas interpretativas acerca do texto que leu. O leitor é um viajante que desvenda ao longo do processo de leitura os sentidos, os significados, as múltiplas variantes interpretativas que a obra lhe oferece.

A arte de contar histórias nas instituições escolares visa o desenvolvimento da leitura, e é por meio dessa prática que se tem a intenção de dar incentivo ao ato de ler, proporcionando aos alunos o encontro com o texto literário, visando que a narrativa envolvente dos contos possa aguçar-lhes o desejo pela leitura de outras histórias, outros livros, contribuindo dessa forma, para que se tornem leitores eficazes, abertos à troca de ideias com seus colegas, com professores e familiares, num ato dialógico, importante para o convívio em sociedade. Assim como proposto pelas Diretrizes Curriculares, que trata o aprendizado da leitura como fator indispensável ao desenvolvimento humano.

Na Educação Infantil, a leitura, a narração oral feita pelo professor é uma atividade rotineira, acontece quase todos os dias. O conto de fadas está presente pelo menos três vezes por semana; outros recursos são utilizados, como, áudio, vídeo e, as crianças também contam suas histórias ou recontam as que ouviram. É um trabalho interativo de desenvolvimento da linguagem, que permite à criança observação a ação do narrador, como ele gesticula, muda de voz, faz caretas, olha nos olhos, improvisa (FONSECA, 2013, p. 148-149).

Para Bettelheim (2009), as histórias representam, de forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano. O conto não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.

As histórias devem ter nascido com o homem, no momento em que ele sentiu necessidade de contar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significado para todos:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo...- quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. (COELHO, 1999, p. 12).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Para Abramovich (1989), a importância de se contar histórias para crianças reside no fato de que escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar as questões (como as personagens fizeram...).

Percebe-se que a contação de histórias é de extrema importância nos anos iniciais, a criança que é incentivada e gosta de ouvir e ler histórias será com certeza um adulto diferenciado:

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. (BETTELHEIM, 2009, p. 13).

Segundo Abramovich (1989), é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo.

A contação de histórias, além de apresentar o mundo, oferece à criança um sentimento de pertença à cultura e à família, nos aproximamos afetivamente dela: na entonação da voz, na escolha de uma história que consideramos interessante, além de apresentar o mundo em toda sua complexidade. Gillig (1999) destaca que os pedagogos que trabalham ou trabalharam na escola infantil sabem a importância da hora do conto para as crianças pequenas e conhecem o fascínio que podem exercer sobre elas através desta atividade.

O contador de histórias deve estar disposto a criar uma cumplicidade entre a história e o ouvinte, oferecendo espaços para a criança se envolver e não pode nunca ser um repetidor mecânico do texto que ele escolheu contar:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes...Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção...Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...Contar histórias é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro...Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1989, p. 18).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Abramovich (1989) coloca ainda que, contar histórias é uma arte, que não pode ser feita de qualquer jeito, pegando qualquer livro, sem nenhum preparo. E quando isso acontece a criança logo percebe que o narrador não está familiarizado com a história e existe uma grande chance de no meio da história o narrador empacar ao pronunciar alguma palavra, fazer as pausas nos momentos errados e perder o rumo da história.

Coelho (1999, p. 121) completa: Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais.

Na hora do conto, o professor deve ser capaz de transformar o clima em mágico, fazendo com que o aluno, de uma forma descontraída, concentre-se e consiga descobrir outros tempos, lugares e culturas.

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes...Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar...Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige...E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... (ABRAMOVICH, 1989, p. 21-22).

E você percebe que realmente conseguiu arrebatá-la para dentro do conto quando ao terminar a história você ouviu o que eu ouvi de uma “eu sempre quis ser uma bruxa...” e me abraçou forte e mesmo após passar alguns dias numa festa da escola ela chega fantasiada e diz olha só o que eu sou “uma bruxa...” e sorri toda feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, com esta pesquisa e intervenções realizadas pude perceber que é importante quanto saber como se faz, é gostar do que se faz, nos constituímos através da teoria e da prática, mas o que mais nos constitui é aquilo que nos toca, o bom professor não é aquele que sabe de cor todas as teorias e normas da BNCC, tampouco aquele que já se automatizou na prática cotidiana, mas sim aquele que compreende os saberes da docência como plurais e heterogêneos, tudo o que assimilei durante este estudo ou



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

minhas intervenções me constituíram no que sou hoje e me conduzem para onde pretendo caminhar amanhã.

Ser uma contadora de histórias será muito útil para mim se um dia eu vier a atuar como professor/pedagogo, pois hoje sei do que as crianças sentem falta quando ouvem a leitura de um livro, elas querem vida, precisam sentir a alma dos personagens falando com elas, e isto eu sei fazer como contadora de histórias, e também sei que as histórias instigam a imaginação, a criatividade e os sonhos, e quando um professor sabe levar seus alunos a terem esses sentimentos, quanto a leitura eles terão resolvido metade dos problemas de sala de aula.

Fazer essas intervenções com contação de história me trouxe uma oportunidade única de poder vivenciar momentos ímpares do cotidiano escolar, e isto me levou a concluir que se nossas crianças não têm o hábito da leitura de uma forma mais constante em suas vidas isto também se deve ao fato de que a escola pouco colabora para essa prática, pois apresenta essa atividade de forma engessada e sem nenhum atrativo, fazendo dessa prática uma atividade sem nenhum prazer, e se esta atividade fosse proporcionada aos alunos de maneira que propiciasse a eles fruição e estética, isto com certeza seria diferente. A contação de histórias é uma prática pedagógica das mais encantadoras e realmente tem a capacidade de arrebatá-las para sempre as crianças para o mundo literário.

E assim, não é que todos viveram felizes para sempre, mas que vivem cotidianamente na luta pela qualidade da Educação.

Fim!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4. ed., São Paulo: Scipione, 1989.

A.L.G.; MELLO, S. A. (Org.) **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.p.05-21.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB,2010.
BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

BRITTO, L.P.L. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

COSSON, Rildo. **A prática do letramento literário em sala**. In: GOLÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos. (Orgs.) *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. São Paulo: Mercado das Letras, 2012.

FONSECA, V. da. **Desenvolvimento humano**. Da filogênese à ontogênese da motricidade. Lisboa: Editorial Notícias, 1989.

GILLIG, Jean Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** Tradução: REZENDE, Neide Luzia de; OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n145, jan/abr.2012.

SILVEIRA JÚNIOR, C. da.; LIMA, M.E.C.C.; MACHADO, A.H. Livro didático de ciências e a mediação da leitura de seus textos em sala de aula. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v.33, n.65,p.53-69, 2015b.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto 2008.
TORRES, S.; SOUZA, Elizeu C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

TETTAMANZY, A. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *Revista eletrônica de crítica e teorias de literaturas: Sessão aberta*. Porto Alegre, v 4, n. 01, p. 01-08, jan/jun 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2003